



SONHAR A TERRA, SUSPENDER O CÉU:
POLÍTICAS DO SONHO PARA NOITES BRANCAS

Francisco Augusto Canal Freitas¹

DREAMING THE EARTH, HOLDING UP THE SKY: DREAM POLICIES FOR WHITE NIGHTS

SOÑAR LA TIERRA, SOSTENER EL CIELO: POLÍTICAS DEL SUEÑO PARA NOCHES BLANCAS

¹ Professor de filosofia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e psicanalista. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1688613035440438>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9608-3394>. E-mail: franciscoaugustocf@gmail.com.

RESUMO

A pandemia nos colocou diante da iminência do fim do mundo. As imagens do fim se manifestam em sonhos e atravessam o imaginário ocidental. Como o Ocidente pode pensar além de si mesmo? A partir das leituras de Ailton Krenak e Davi Kopenawa, procuramos analisar os sonhos como outra forma de conhecimento e de relação com a realidade. Para isso, dois conceitos são fundamentais na crítica de Ailton Krenak à civilização ocidental: de humanidade e de mundo. A ideia de humanidade homogênea, apartada do mundo, tem levado ao fim dos vários mundos que coexistem na Terra. Pois o mundo já acabou para os povos que foram exterminados. Diante dos fins dos mundos, da queda do céu, podemos aprender com os sonhos yanomamis a suspender o céu como forma de adiar os fins. Assim, a política dos sonhos ameríndios nos fornece outras perspectivas de transformação dos corpos e da realidade na longa noite contemporânea de insônias e pesadelos políticos.

Palavras-chave: Pandemia. Sonho. Krenak. Yanomami.

ABSTRACT

The pandemic has put us against the imminence of the end of the world. The images of the end are manifested in dreams crossing the western imagination. How can the West think beyond itself? Based on the readings of Ailton Krenak and Davi Kopenawa, we seek to analyze dreams as another way of knowledge and relationship with reality. For this, two concepts are fundamental in Ailton Krenak's critique of Western civilization: humanity and the world. The idea of homogeneous humanity, separated from the world, has led to the end of the different worlds that coexist on Earth. As the world has already ended for the native communities who were exterminated. Faced with the ends of the worlds, from the fall of the sky, we can learn from Yanomami dreams to holding up the sky as a way of postponing the ends. Thus, the politics of Amerindian dreams provide us with other perspectives on the transformation of bodies and reality in the long contemporary night of insomnia and political nightmares.

Key-words: Pandemic. Dream. Krenak. Yanomami.

RESUMEN

La pandemia nos ha puesto ante la inminencia del fin del mundo. Las imágenes de este final se manifiestan en sueños y atraviesan la imaginación occidental. ¿Cómo puede el Occidente pensar más allá de sí mismo? A partir de las lecturas de Ailton Krenak y Davi Kopenawa, buscamos analizar los sueños como otra forma de conocimiento y relación con la realidad. Para ello, dos conceptos son fundamentales en la crítica de Ailton Krenak a la civilización occidental: la humanidad y el mundo. La idea de una humanidad homogénea, separada del mundo, ha llevado al fin de los diversos mundos que conviven en la Tierra. Pues el mundo ya se acabó para los pueblos nativos que fueron exterminados. Ante los fines de los mundos, de la caída del cielo, podemos aprender de los sueños Yanomamis a suspender el cielo como una forma de postergar los fines. De esta forma, la política de los sueños Amerindios nos brinda otras perspectivas sobre la transformación de los cuerpos y la realidad en la larga noche contemporánea de insomnio y pesadillas políticas.

Palabras-clave: Pandemia. Sueño. Krenak. Yanomami.

*Acho que vocês deveriam sonhar a terra,
pois ela tem coração e respira.*

Davi Kopenawa

Sonhos do fim

Depois das aulas, permaneci na escola ainda um tempo, circulando pelos corredores escuros, ouvindo pelos cantos as pessoas comentando que o mundo ia acabar. Estranhamente, não havia alvoroço, o clima não era de desespero, o cenário não era apocalíptico. Antes, pairava naquele anoitecer certa expectativa de que algo extraordinário poderia acontecer. Tanto que uma das perguntas que circulava de boca em boca era: qual música você guardaria deste mundo para o futuro? As respostas variavam entre músicas clássicas e populares, que os celulares e as caixinhas de som estavam às mãos para reproduzir, prolongando aquele fim. Calado no meu canto, lembrei de algumas músicas, mas afinal pensei: se é para acabar e começar de novo, que comece com o silêncio.

Tive esse sonho em meados de maio de 2022. As aulas recém haviam voltado para o presencial depois de exatos dois anos desde que foram suspensas pela pandemia, sem contar o período conturbado do ensino remoto. A pandemia ainda não havia acabado (quando haveria?) e o tema do fim do mundo (que não termina de acabar) era premente. Recém havíamos nos encontrado depois de um longo período de distanciamento social, muitos (senão a maioria, senão todos) carregados de problemas psicológicos, econômicos e de socialização, afetados por uma grave crise ambiental. Não podíamos simplesmente imaginar que voltaríamos ao “normal”, pois nada nem ninguém estava “normal”. Aliás, foi justamente o que considerávamos “normal” que nos levou à loucura da destruição do planeta, cujas consequências a pandemia constitui um dos epifenômenos.

Quando retomamos as aulas presenciais, ao invés de seguir o programa tradicional de ensino, começamos por estudar filosofias ameríndias a partir de pensadores como Ailton Krenak, Davi Kopenawa e Kaká Werá. A suposta universalidade da filosofia europeia entrou em crise junto com o mundo que ajudou a construir e sustentar. A chamada “virada antropológica” da filosofia trouxe ao debate outras formas de pensamento que nos fizeram questionar aquele modelo eurocêntrico e buscar outras saídas, outras formas de pensar, sentir e agir, outras maneiras de viver que permaneceram marginalizadas durante tanto tempo. Afinal, como poderia o Ocidente pensar além de si mesmo? Não há saída para o Ocidente no Ocidente.

Foi a partir dessa imersão nos ensinamentos de Ailton Krenak e Davi Kopenawa que comecei a sonhar. Talvez o mais estranho naquele sonho fosse o estado de contínua espera do fim. Não havia nem desespero nem esperança, mas espera por um acontecimento indescritível, indeterminável, interminável. Não fazíamos ideia do que poderia vir depois: se a humanidade sobreviveria a si mesma, se se transformaria em outra, se era definitivamente o fim da espécie humana ou ainda das variadas formas de vida (vida tal qual concebemos) do planeta. Todas essas imagens são muito recorrentes nas escatologias ocidentais e atravessam nosso imaginário de origem e fim dos tempos. O estado de suspensão em que estávamos no sonho (e na vigília), entre o dia e a noite, no lusco-fusco do entardecer, nos abria para a possibilidade de sonhar, mesmo sem a certeza de que outro dia seguiria à noite. Entre o sonho e a vigília, essa suspensão se assemelha à imagem que Ailton Krenak nos fornece da queda constante em que vivemos.

De saída, dois conceitos são fundamentais na crítica de Ailton Krenak à civilização ocidental: de humanidade e de mundo. Estes dois conceitos estão na base da metafísica ocidental, que separa cultura e natureza, sujeito e objeto, homem e mundo. Segundo Krenak, a humanidade se reduz a um pequeno grupo – homens, brancos, cis-héteros, ricos, falantes de línguas

européias –, enquanto o resto – mulheres, negras e negros, indígenas, quilombolas, caiçaras, pobres, LGBTQIA+, marginalizados – é considerado como sub-humanidade, que pode ser objetificada, mercantilizada, consumida, violada e descartada. O equívoco desse conceito civilizatório de humanidade, e que está na base de tanta violência, é pretender que todos sejam iguais, como se houvesse apenas uma humanidade, ou uma humanidade homogênea, comum a todos, reduzindo a pluralidade das formas de vida a uma única maneira de existir e estar no mundo. Ailton insiste que “não somos iguais”, antes, nos atraímos pelas nossas diferenças, formando “constelações” (KRENAK, 2020b, p.33). Ao contrário da ideia ocidental de uma humanidade esclarecida e superior aos outros seres, o povo Krenak tem uma ideia de humanidade “precária” (KRENAK, 2020a, p.41). Nessa perspectiva, a humanidade não se define por características físicas, biológicas, psíquicas ou sociais; mas, na medida em que todos os seres - rios, montanhas, animais, plantas - também são pessoas, a socialidade se configura pela associação ou filiação entre seres diversos. Assim, “é importante saber com quem podemos nos associar, em uma perspectiva existencial mesmo” (KRENAK, 2020a, p.42). Significa ampliar as possibilidades de existência para além da humanidade que pensamos ou pretendemos ser.

O mundo, para aquele pequeno “clube da humanidade”, é apenas recurso, matéria-prima, *commodity*, que está disponível para ser explorado, consumido e jogado no lixo. Mesmo o grande delírio do capitalismo financeiro, do mercado de carbono às *bigdatas*, necessita da exploração irrefreável de minério e petróleo, sem os quais nem carros nem celulares seriam fabricados. Por outro lado, para os muitos e diversos povos indígenas, a natureza não é uma ideia abstrata, apartada da humanidade, mas é o que constitui todas as coisas, do microrganismo ao cosmos inteiro, de modo que o planeta Terra como um todo é percebido e pensado como um organismo vivo. O problema é que sem planeta não há mundo.

Para esses povos, o fim do mundo já ocorreu outras vezes. O mundo já acabou para os que foram exterminados. Todo genocídio é também um terricídio. Não há apenas *um* fim de *um* mundo, mas muitos fins de diferentes mundos. E a provocação de Ailton Krenak não visa a adiar o fim deste mundo que aquela humanidade quer impor. Na verdade, será preciso que este mundo, tal qual construímos e destruimos, acabe de vez para que os outros fins dos outros mundos sejam adiados. Se o fim é inevitável, é possível pelo menos adia-lo.

Adiar o fim do mundo não tem nada a ver com sustentabilidade (“vaidade pessoal”, diz Ailton), novas tecnologias, promessas messiânicas, muito menos com a fuga da Terra. Hannah Arendt já se perguntava, desde que o homem pisou na Lua, por que os humanos desejaram tanto fugir da sua condição terrena (ARENDR, 2007, p.9). Os terráqueos não se sentem em casa na Terra. Para que os ricassos do “Chthuluceno” (HARAWAY, 2016), como Elon Musk (suprassumo da humanidade branca, cis-hétero-masculina e rica), construam seus brinquedinhos espaciais e zarpem rumo a outro planeta, será preciso primeiro que acabem com este.

Para adiar o fim do planeta e dos muitos mundos que nele coexistem, precisamos inventar outros sentidos, outros rumos para a humanidade. “Vamos ter de nos reconfigurar radicalmente para estarmos aqui. [...] De repente, vai ficar claro que precisamos trocar de equipamentos. E – surpresa! – o equipamento que precisamos para estar na biosfera é exatamente o nosso corpo.” (KRENAK, 2020a, p.45) Reconfigurar nossos modos de vida, desembranquecer nossos corpos, resistir e re-existir, para sermos capazes novamente de “experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar” (KRENAK, 2020b, p.26). Ao invés de uma postura melancólica diante do fim inevitável, a afirmação das várias formas de vida.

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente

desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2020b, p.26-7)

Que histórias contamos, que músicas cantamos e dançamos, que sonhos sonhamos? Escrever também seria uma forma de adiar o fim?

Fim dos sonhos

Dois livros inauguraram o século XX: *A origem das espécies*, de Darwin, e *A interpretação dos sonhos*, de Freud, publicados em 1900. Ainda embalados pela promessa de progresso científico, ambos marcaram mudanças de paradigmas nas ciências naturais e humanas, nas relações de saber dos humanos com os outros animais, consigo mesmos e com o meio onde vivem. Mas a vontade de saber veio atrelada à vontade de poder e dominação. Das utopias modernas às distopias contemporâneas, o projeto colonial chegou à fronteira de outra realidade que pretendia obliterar. No espectro oposto, encontra-se a obra *A queda do céu*, do xamã yanomami Davi Kopenawa.²

Segundo a ideia ocidental comum, seja cristã ou darwinista, de uma origem única, os animais evoluíram até o surgimento do *homo sapiens*, o qual ocuparia o topo da cadeia evolutiva, tornando-se superior aos demais seres. Para os Yanomami, ao contrário, todos os seres eram humanos e foram se diferenciando em espécies, mantendo todavia sua humanidade (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p.110-131). Antes do tempo existir, isto é, no tempo mítico não cronológico, tudo era “gente” e seus corpos estavam em constante transformação: humanos se tornavam

2 “A queda do céu é um livro que não apenas deve ser lido mas, sobretudo, precisa ser sonhado. Só assim os brancos vão conseguir conhecer, por sua vez, as coisas que Kopenawa fala.” (LIMULJA, 2022, p.50)

árvores, eram pássaros, ora pedras, rios, montanhas. Desse modo, todos os seres guardam entre si uma relação de parentesco, uma afinidade ancestral comum. A forma corporal que hoje os humanos veem é apenas uma imagem estabilizada, estática, do processo de metamorfose contínua, como se o tempo cronológico fosse uma temporalidade demasiadamente lenta comparada à temporalidade cosmológica. Não se trata de evolução ou adaptação, mas de camadas existenciais que compõem todos os seres.

Os sonhos, lúcidos ou oníricos, na vigília ou no sono, são manifestações de desejos. Para Freud (2016), o sonho é a realização de um desejo inconsciente: o que o sujeito não realiza conscientemente acordado, realiza inconscientemente sonhando. Diferente da concepção freudiana, para os yanomami, o sonho é a realização do desejo dos outros no sujeito que sonha. O sonho não provém do sujeito sonhador, de um inconsciente individual, mas do outro com quem se sonha. “O objeto do sonho é o sujeito do sentimento. O sentimento vem do outro, vem de fora” (LIMULJA, 2022, p.140).

A relação entre sonho e mito encontra paralelos, com muitas diferenças, na psicanálise e no pensamento ameríndio. Para Lacan (2008), a linguagem do sonho é semelhante à do mito na medida em que é uma linguagem cifrada, constituída por uma temporalidade não cronológica e um espaço não linear, marcada por condensações, dilatações, sobreposições e deslocamentos do espaço e do tempo. No sonho, passado, presente e futuro se interpenetram. E se o sonho é um tipo de oráculo, que revela uma verdade mesmo que de maneira enigmática, é porque abre outro acesso à realidade.

No pensamento ameríndio, não há oposição entre simbólico e real, sonho e vigília, mito e história, mas continuidade. A relação entre mito e sonho não é apenas analógica, porquanto “os mitos são conhecidos, fundamentalmente, por terem sido sonhados.” (LIMULJA, 2022, p.73) Portanto, não se trata de interpretar, literal ou metaforicamente, os sonhos e os mitos, mas de fazer com eles um sentido real. No lugar de

uma “interpretação dos sonhos”, uma “interpenetração” entre sonho e realidade. “Os Yanomami não apenas pensam sobre seus sonhos, eles sonham aquilo que pensam. E é por isso que se pode dizer que os sonhos yanomami são parte fundamental de sua concepção de mundo.” (LIMULJA, 2022, p.174) O sonho é uma forma de conhecimento.

Assim, tanto as experiências que ocorrem durante o sonho como as que se passam durante a vigília se desenrolam à maneira de uma fita de Moebius, de modo que o que acontece de um lado vai parar do outro sem interrupção. O que aparenta ter dois lados na verdade tem apenas um, e a única fronteira que existe é a linguagem. (LIMULJA, 2022, p.70)

De maneira semelhante, não há oposição entre dia e noite; amanhecer e anoitecer traçam o momento de passagem. Ao contrário da narrativa bíblica, de que o mundo estava em trevas e fez-se a luz, nas narrativas ameríndias sobre a origem da noite, no princípio, i.e., no tempo fora do tempo cronológico, era sempre dia, e a noite estava contida em um vaso, que foi rompido e a escuridão se espalhou. Trata-se de uma transformação, metamorfose, mudança da forma em que a noite e o dia se manifestam. A noite dos humanos é o dia dos espíritos, e vice-versa. Por isso é à noite, quando os humanos sonham e os espíritos despertam, que aqueles podem ver estes outros seres e se tornar como eles, com outros corpos visitar outros lugares e outros tempos.

Faz parte do sonho (e do mito) ser contado, porque quando compartilhando é lembrado e socializado. O sonho não é individual, mas coletivo. Ailton Krenak (2020b, p.37) afirma “o sentido do sonho como instituição que prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano.” Não apenas no sentido premonitório, mas na passagem contínua entre um e outro, na medida em que “o sonho é um lugar de veiculação de afetos. Afetos no vasto sentido da palavra”, pois “o sonho afeta o mundo sensível” e vice-versa. (KRENAK, 2020a, p.37-8) Se o sonho é uma forma

de conhecimento, sua transmissão se institui como uma escola onde se aprende a sentir, perceber, pensar e agir.

Coletividades diferentes também sonham de maneiras diferentes. Enquanto agricultores sonham a riqueza da terra, caçadores sonham suas presas ou seus predadores. Como os Runa da Amazônia equatoriana, que “interpretam” os sonhos dos cães, seus companheiros de vida e de caça, a partir de seus movimentos enquanto dormem, como sinais que indicam se irão encontrar um tatu ou uma onça no caminho (KOHN, 2016). Também os aborígenes australianos Warlpiri, nômades sedentarizados, encontram no sonhar um modo de viajar e se deslocar por diferentes espaços e tempos, porquanto “o sonho produz o possível” (GLOWCZEWSKI, 2015, p.64). Hoje, entretanto, os sonhos yanomamis se tornaram pesadelos: garimpo, guerra, xawara, a queda do céu.

E os urbanos, como sonham?

Noites brancas

A civilização espalhou luz elétrica por toda parte para afastar a noite, por medo da noite e do sonho. Não por medo dos outros, bestas-feras selvagens, que nos ameaçariam de fora, mas dos outros que nos habitam, e que então são projetados sobre os outros não-idênticos, estranhos, estrangeiros. O lado obscuro da humanidade esclarecida deveria assim ser negado, ou melhor, iluminado em todos os rincões. Esse medo, forma negativa do desejo que se positiva em repulsa e violência, seria fruto do não reconhecimento do próprio desejo reprimido. Mas aquela outra humanidade ou sub-humanidade reprimida, retorna, como o retorno do recalcado.

Davi Kopenawa insiste sempre que os brancos só sabem sonhar consigo mesmos. “Quando dormem, só veem no sonho o que os cerca durante o dia. Eles não sabem sonhar de verdade” (KOPENAWA, 2015, p.460). Pesados demais, “como lâminas de machado no chão da casa” (KOPENAWA, 2015, p.463), não vão muito longe. “Os brancos dormem

deitados perto do chão, em camas, nas quais se agitam com desconforto. Seu sono é ruim e seu sonho tarda a vir. E quando afinal chega, nunca vai longe e acaba muito depressa.” (KOPENAWA, 2015, p.461) Quando sonham, veem apenas a si mesmos com suas mercadorias.

A insônia se tornou um dos principais sintomas do mal-estar contemporâneo. Não sonhamos nem acordados nem dormindo, nenhum futuro diferente esperamos, apenas o mesmo cotidiano fatídico. E para nos arrancar o futuro foi preciso nos tirar o direito de sonhar. Muitos querem um sono sem sonho, dormir e apenas descansar, sem realizar o “trabalho onírico” de pensar de outra maneira o que permanece impensado. O sono se torna apenas uma anestesia temporária, suspensão dos sentidos que foram bombardeados de estímulos ao longo do dia. Remédios para dormir e para acordar, apenas para seguir a vida sem sentir e sem sentido. Nem despertos nem dormidos, nos tornamos uma “humanidade zumbi”, como diz Ailton Krenak. E quando não podemos sonhar nem despertos, a realidade se torna um pesadelo sem fim, ou pior, despertamos de um pesadelo para cair em outro.

Durante a pandemia, a casa se tornou um espaço de confinamento, lugar de descanso e trabalho sem intervalos. Porém, mesmo isolados nesse espaço “infamiliar”, sonhamos coletivamente (DUNKER et al., 2021). Se o inconsciente é político, o sonho é a forma manifesta dos desejos reprimidos e recalçados das relações sociais. Os desejos dos corpos oprimidos, de negras e negros, de indígenas e caiçaras, de trans e travestis, pesadelos do narcisismo branco, da “neurose cultural brasileira” (GONZALEZ, 2020, p.84), retornam transfigurados.

O fim deste mundo, desta longa noite branca, talvez se encontre no despertar para outros sonhos. Os seres que povoam a noite descem para dançar e cantar. Nessa espera sem fim, nessa vertigem do fim, não adianta relutar contra a queda, e sim, como propõe Ailton Krenak em uma bela imagem, precisamos inventar “paraquedas coloridos” (KRENAK, 2020a, p.30) para tornar essa experiência decadente mais prazerosa e potente.

Mais que sonhar de outra maneira, com outros mundos possíveis, trata-se de estabelecer outra relação com o sonho e a Terra. Sonhar, de dia e de noite, acordados e dormidos; sonhar passados e futuros esquecidos no presente; sonhar como quem desperta. Sonhar, dançar, cantar e contar outras histórias para suspender o céu. “Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial.” (KRENAK, 2020b, p.32) Ampliar as possibilidades de existir, o exercício constante de ser e de fazer aliança com outras humanidades, e assim retomar a potência de transformação constante dos nossos corpos.

Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora. (KRENAK, 2020a, pp.46-7)

Referências

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DUNKER, Christian; et al. **Sonhos confinados**: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: LP&M Edições, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GLOWCZEWSKI, Barbara. **Devires totêmicos**: cosmopolítica do sonho. São Paulo: n-1 edições, 2015.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica**. Ano 3, N.5, Abril de 2016.

KOHN, Eduardo. Como os cães sonham: Naturezas amazônicas e as políticas do engajamento transespécies. **Ponto Urbe**, Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n.19, 2016.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Cia das Letras, 2020 [a].

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2020 [b].

LACAN, Jacques. **O mito individual do neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami**. São Paulo: Ubu, 2022.

Artigo enviado em 13/06/2022

Aceito em 02/08/2022